

OS WAGNER

Warley Matias de Souza

OS WAGNER



Souza, Warley Matias de, 1974-
Os Wagner / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2018.
155 p. ; 15 cm.

ISBN 978-85-924102-1-6

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD-B869.93

OS WAGNER

Copyright © 2018 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por
qualquer processo, sem autorização por escrito do
autor.

LEOPOLDO WAGNER

— Como é que eu tenho que dizer?

— Diga seu nome, idade, endereço, nome dos seus pais e conte o que aconteceu.

— Meu nome é Leopoldo Wagner...

— Continue.

— Não sei se é a voz adequada. O que acha? Devo engrossar mais a voz? Um grave? Estou mudando de voz. Era para ter acontecido antes, mas a natureza é caprichosa.

— Não importa a voz. Apenas faça o que falei.

— Claro que importa a voz! Ela está sendo gravada. É um registro para a posteridade!

— É apenas um depoimento policial, meu rapaz.

— Um depoimento com a minha voz!

— Não temos o dia inteiro.

— Calma, seu polícia, não precisa ficar bravo.

— Não estou bravo e não sou “seu polícia”. Sou detetive, detetive Miranda, ao seu dispor.

— Detalhes, detalhes.

— E então?

— Já está gravando?

— Há muito tempo.

— Mas não pode gravar sem a minha autorização!

— Já estou começando a perder a paciência, Leopoldo.

— Leopoldo Wagner, por favor, Leopoldo Wagner.

— Tanto faz.

— Tanto faz não. Artista não pode ser chamado somente pelo primeiro nome, é meio desrespeitoso.

— Que seja.

— Você está sendo desrespeitoso.

— “Senhor”, por favor.

— Cheio de exigências, enquanto eu...

— FALE LOGO!

— Está bem, está bem, não precisa gritar.

— Fale.

— Meu nome é Leopoldo Wagner, tenho dezesseis anos, moro no bairro Cristo Redentor, rua da Enciclopédia, número dois mil e trinta e cinco. Meu pai se chama Estênio Wagner, e minha mãe é Adelaide Wagner.

— Devo deixar claro que está aqui com a autorização de seus pais.

— Agora então vou contar como tudo aconteceu.

Acordei por volta das seis da manhã. Meu irmão, Jorge Wagner, ainda dormia. Aliás, não só dormia, roncava. Aí o senhor pode entender por que acordei tão cedo. É verdade que não foi só por isso, era o dia de estreia do novo *show*, e, apesar de ser um garoto prodígio, eu estava ansioso.

Não sei se o senhor sabe, mas a voz precisa de cuidados, e uma boa noite de sono é um deles. Mas não foi possível, por causa da ansiedade, como acabo de dizer. É, acho que estou me repetindo.

Fui ao banheiro do meu quarto.

Não divido só o quarto com meu irmão, divido também o banheiro. O que, aliás, não é nada agradável. O Jorge tem problemas intestinais terríveis! Mas não vou entrar em detalhes, não quero ser desagradável, e o senhor agradece, né?

No armarinho do banheiro, peguei a água de maçã. É minha avó quem faz. É só gargarejar três vezes ao dia. É uma bruxa aquela velha. No bom sentido, é claro. Não estou xingando a minha avó. Bruxa no bom sentido. Aliás, o senhor sabe como é que ela faz a água de maçã? Ela pega água mineral filtrada e... Tá bom, o senhor não quer saber, né? Não fique nervoso, é que sou muito detalhista. Acho que eu seria um bom detetive. Mas prefiro ser cantor. *Okay*, não me

olhe assim, vou continuar.

Quando olhei no espelho do banheiro, quase não contive um grito de terror. Uma espinha! Enorme, vermelha, purulenta. Como eu poderia apresentar-me às minhas fãs com aquele monstro no rosto? Enlouqueci. Sacudi o Jorge, para acordá-lo. Precisava falar com alguém, desabafar, eliminar tamanha angústia do meu peito.

— Jorge — falei. — Vou pular de uma ponte!

— Vai e me deixa dormir — ele resmungou, mal-humorado, como sempre.

— Você não está entendendo, um monstro nasceu no meu rosto — eu disse.

Ele abriu os olhos sonolentos e viu aquela coisa assustadora na minha

cara.

— Ah — resmungou, — a mãe faz uma maquiagem.

Aquilo me acalmou um pouco, pois minha mãe é especialista em maquiagem, transforma o rosto mais repugnante em uma pintura de Rafael, Michelangelo ou Da Vinci.

Tenho um tio que é curador de arte. Sabe o que é isso?... Uhm... não quer saber, né? Então, deixa pra lá. Vou continuar o meu relato.

Voltei ao banheiro e passei minha máscara de lama, que devia ficar três horas em meu rosto, o que não foi possível, devido ao fato ocorrido. Não, não tira espinhas, mas impede manchas precoces na pele.

Em seguida, fiz quinze minutos de abdominais e duzentas flexões. O

senhor já percebeu que sou um jovem malhado, né? Minhas fãs exigem esse sacrifício de mim. Mas compensa! Tudo é compensado pela tamanha adoração que recebo delas.

Enfim, Jorge resolveu sair da cama e foi ao banheiro. Para não ter que presenciar algo desagradável, vesti minha camiseta bege, *babylook*, é claro, e desci até a cozinha. A fome começava a dar sinais de sua incômoda presença, como garras de águia a arranhar o estômago.

Fiquei surpreso quando encontrei a Geni na cozinha. Ela é nossa empregada há anos, como se fosse uma segunda mãe. Meu pai agora deu para chamá-la de “secretária do lar”. Geni ri na cara dele, diz que não é secretária coisa nenhuma. A Nicole, mi-

nha irmã, diz que é politicamente correto chamá-la assim. Mas eu não sou politicamente correto. Quer dizer, diante de minhas fãs, eu preciso ser. Coisa de *show business*, a aparência é tudo. O senhor sabe o que é *show business*? Vem do inglês. *Okay*, desculpe, sei que não é burro, não quis ofendê-lo.

Geni estava com uma touca branca de pano na cabeça. Sempre coloca uma touca assim quando está na cozinha, diz que é higiênico e que, no cursinho de atualização de empregadas domésticas, ou melhor, de “secretárias do lar”, um professor disse para usar touca e até luva! E avental também. Geni é muito organizada, parece uma militar, o avental está sempre impecável. Se suja um, há sempre outro de re-

serva.

Ela estava lavando uns pratos.

— Seu pai precisa parar com essa mania de comer de madrugada e sujar tantos pratos — disse ela, como sempre, cheia de críticas à minha família.

— Não é só ele não — repliquei.
— A Nicole e a minha mãe também têm esse hábito.

— Hábito? — ela resmungou.
— Pra mim, isso tem outro nome.

— Por que chegou tão cedo, Geni? — perguntei.

— Não cheguei, já estava — respondeu.

— Como é que é? — perguntei.

— Dormi aqui essa noite — ela falou. — O Júnior estava com febre. Sua mãe pediu para ajudar. Logo que

o menino dormiu, dormi também, do lado do bercinho dele. Está dormindo até agora o pobrezinho.

O Estênio Wagner Júnior é meu irmão mais novo, está com oito meses, eu acho. Não entendo como uma mulher velha feito a minha mãe foi cair nessa de trazer aquele monstrinho para a família.

— Ummm... maaaa... maaaa... maaaa... — eu fiz.

— Para com isso, menino — ela protestou, — vai acordar a casa inteira.

— Estou aquecendo a minha voz — falei. — Sou cantor, esqueceu?

Peguei um pedaço de bolo de banana que Geni tinha feito na noite anterior. Gosto muito de bolo. Dei uma mordida e comecei a pensar nu-

ma forma de chamar mais atenção no *show* daquele dia, algo viral, pra correr na *net*. Esqueci que estava comendo bolo e comecei a vibrar minha língua em outro exercício de aquecimento vocal. E não deu outra, farelo para todo lado.

— O quê que você está fazendo, menino? — Geni gritou. — Parece criança de colo. Limpa isso aí.

— Desculpa, Geni — falei. — Esqueci que estava comendo bolo.

— Só não esquece a cabeça porque está presa no pescoço — ela falou.

— Mas como é que não percebi que você estava aqui ontem à noite? — perguntei.

— Não falei? — disse ela, enquanto balançava a cabeça de um lado

para o outro. — Um menino tão novo e tão desmemoriado.

— Ah, já sei — disse-lhe eu. — Estava conectado, postando coisas interessantíssimas para os meus fãs.

— Que marmota! — ela exclamou.

Nesse momento, meu avô entrou na cozinha, peladinho da silva. Ele é descendente de alemão, tem uma bunda branca e murcha, coisa feia de se ver.

— Puta que pariu! — disse Geni, levando as mãos aos olhos, enquanto eu caía na gargalhada.

Meu avô nem ligou, abriu a geladeira e ficou olhando lá pra dentro. Depois a fechou e voltou pro quarto dele. Acho que queria só refrescar o “passarinho”. *Okay*, não achou engra-

çado, né?

Ele é o patriarca dos Wagner. Seu nome é Orland Wagner. Tocava clarinete, além de um monte de outros instrumentos, mas ficou conhecido como tocador de clarinete. Porém, agora está biruta, coisa de gente velha, o senhor sabe. Meu pai está preocupado, não sabe mais o que fazer. Mas eu me divirto. O vô Orland sempre foi gente boa e agora está muito engraçado.

Minutos depois, ele voltou, vestido com seu uniforme de marinheiro. Antes de se casar, viajava pelo mundo inteiro. Nossa, ele já me contou uma pá de aventuras, isso antes de “birulitar” de vez.

— E aí, Popeye — disse-lhe eu, — vai pra onde hoje?

— França — ele falou, com um sorriso de criança no rosto.

Ele se sentou à mesa e falou pra Geni:

— Garçonete, traz um café preto, por favor.

— Como se tivesse café branco!
— resmungou ela, ainda irritada com a nudez do velho Orland Wagner.

Deu-lhe uma xícara de café.

— Depois te dou uma gorjeta, agora estou sem nada — disse vô Orland, com um sorriso amarelo. — Gastei todo o meu dinheiro ontem à noite; mas valeu a pena.

— Agora começam as revelações — disse Geni, enquanto balançava a cabeça de lá para cá. — As lembranças da esbórnia.

Ele terminou o café, pegou o

quepe de marinheiro e ajeitou-o na cabeça.

— *Au revoir, mademoiselle* — disse.

— Corre, Leopoldo — gritou Geni, — tira a chave da porta, senão ele vai sumir de novo.

Um dia desses ele saiu de casa, desapareceu. Por sorte foi encontrado por um vizinho nosso. Estava num bar e queria brigar com um cara mil vezes mais jovem e mais forte do que ele.

Corri e escondi a chave no bolso. Então, meu avô começou a ficar irritado, agitado.

— Chama seu pai — disse Geni. — Alguém precisa segurar o velho.

Subi correndo as escadas e, no início do corredor, ouvi aquele grito...

— Você pode ir, Leopoldo.

— Seu detetive, meu português estava correto? Isso é muito importante, eu influencio uma geração, preciso estimular meus fãs a falar corretamente.

— Não sei, não prestei atenção. E isso não me interessa.

— Tá bom então, não está mais aqui quem falou.

— Está liberado, rapaz.

— E quando vai prendê-la?

— Quem?

— A Geni, ora! Não quero fazer o seu trabalho; mas me parece óbvio que foi ela.

— Não tem nada óbvio aqui.

— Como não? Nunca leu romance policial?

— E daí?

— Daí que o culpado é sempre o mordomo, isso todo mundo sabe.

— Não diga besteira.

— Geni é o nosso “mordomo”, entende?

— Entendo. Vai embora e seja feliz.

— Obrigado, seu detetive, apesar do toque de sarcasmo.